

Artes Feministas

Artivismos



e Sul Global

Cláudia de Oliveira
Paula Guerra

A Deusa Mãe

Para Simone de Beauvoir, quando os homens ou proprietários criam a necessidade de deixar um legado através da sua descendência, a maternidade passa a ser considerada uma função sagrada, pois serve a um propósito e colmata uma necessidade do homem. A Mulher Terra é quem conserva e nutre o germe em seu ventre e é através dela que no mundo visível a vida da comunidade se propaga. O agricultor admira e aterroriza-se frente ao mistério da fecundidade que desabrocha nos sulcos dos arados e no ventre feminino. A Natureza, na sua totalidade, apresenta-se ao homem como uma mãe: a terra é mulher e a mulher é habitada pelas forças obscuras que habitam o mundo, não inteligíveis ou explicadas pelo conhecimento da sociedade até aquele momento. A mulher passa a ter o poder de fazer jorrar nos campos semeados os frutos e as espigas, ou seja, passa a cuidar da agricultura.

Mas essa percepção, que associa a mulher e a natureza, não está, segundo Beauvoir, baseada numa criação consciente por parte dos homens e do corpo social, mas antes num entendimento de uma operação mágica. Dotada de poderes mágicos - não humanos -, a potência geradora feminina inspira, de algum modo, respeito pelo mistério da criação, mas, ao mesmo tempo, aparece como o terror pelo desconhecido. O homem a adora como Deusa Mãe, uma vez que é na mulher que a natureza estranha, ainda não dominada pelo homem, transparece. Ao ser retirada do reino humano e remetida ao mágico, ela ocupa o reino da imanência, tornando-se o Outro, o desconhecido, o incontrolável. [Beauvoir, 1970:102].

[...] não há nenhuma sociedade que não endosse algum tipo de mistificação da mulher e do feminino, que não tenha algum tipo de culto materno, ou ao feminino virginal, sagrado, deificado, que não o tema em alguma das variações do motivo universal da vagina dentada ou que não cultive alguma das formas do mito do matriarcado originário...[Segato, 2003a:3, tradução das autoras].

Ao examinarmos as descrições do mito da Deusa Mãe nas análises do historiador das religiões Mircea Eliade, em *O sagrado e o profano* [1992], percebemos o reforço dessa construção mítica, a partir de uma perspectiva patriarcal, desde os “tempos primordiais” [Eliade, 1992:55], como já identificava Simone de Beauvoir e, posteriormente, Rita Segato. Assim, Eliade afirma:

[...] a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”. [Eliade, 1992:17].

É no absoluto que o mundo se funda ontologicamente, segundo as análises de Eliade. Se a mulher ocupa o território da imanência, conforme afirma Beauvoir, ela habita o absoluto [Eliade, 1992]. Neste esquema cosmológico, a mulher ascende ao lugar da Deusa Mãe, ou seja, passa a existir em si ou por si, independentemente de outra coisa. Confirma-se, desse modo, a sua posição como o Outro, na medida em que não se situa no mundo humano e, por consequência, torna-se impossibilitada de ser parceira do homem na criação da própria humanidade.

Por outro lado, é considerada uma entidade sagrada, uma deusa, cuja capacidade fertilizadora também se realiza no “absoluto”, pois que gera a vida virginalmente, porque é, em si, Natureza. Nesse esquema de “artisticidade” [Ranciére, 2015:36], a vulva torna-se uma mancha, uma vez que encarna a anatomia profana, o erotismo, o lugar da libido feminina. O homem não a deixará integrar-se no mundo social por essa via, porque há no erotismo uma revolta do instante contra o tempo sagrado. A vulva é, então, anatomicamente profana, assumindo, como consequência, a condição de ameaça, porque ao alojar o erotismo, desprende-se do seu caráter virginal; deve, por isso, ser controlada, uma vez que deixa de ser um ventre sagrado que carrega a posteridade masculina, os seus herdeiros, o seu nome, as suas propriedades, para se tornar um lugar de prazer feminino.

Vista a vulva dessa perspectiva, inferimos que o esforço da estrutura patriarcal é transformá-la em mera depositária da semente masculina. E, assim, segundo Mircea Eliade, numa perspectiva generalizante, parece ter ocorrido em todas as culturas, inclusive entre os povos originários americanos:

... assim se passaram as coisas na origem, in illo tempore: os primeiros homens viveram certo tempo no seio de sua mãe, isto é, no fundo da Terra, em suas entranhas. Lá, nas profundezas telúricas, levavam uma vida meio humana: eram de certo modo embriões ainda imperfeitamente formados [...] ainda, afirmam os índios lenni lenape ou Delaware, que habitavam outrora a Pensilvânia, que, segundo seus mitos, o Criador, embora já tivesse preparado para eles, na superfície da Terra, todas as coisas de que gozam atualmente, tinha decidido que os homens ficariam ainda algum tempo escondidos no ventre de sua Mãe telúrica, para que se desenvolvessem melhor, para que amadurecessem. Outros mitos ameríndios falam de um tempo antigo em que a Terra Mãe produzia os homens da mesma maneira como produz, em nossos dias, os arbustos e os caniços. [Eliade, 1992:70].

O fenômeno se repete no Ocidente e nas culturas Asiática, Hindu e Africana, uma vez que os homens se compreendiam como parte da Terra Mãe, responsável pelo nascimento de todos os seres e estimuladora de uma crença de que foram paridos pela terra, tornando a Natureza procriadora e, conseqüentemente, a própria mulher. No Ocidente, no hino de Homero, o poeta canta: “É a ti que pertence o dar a vida aos mortais, bem como o tomá-la de volta...” [Eliade, 1992:70]. Nas *Coéforas*, a segunda tragédia da trilogia *Oresteia*, de *Ésquilo*, há uma glorificação da terra, que “dá à luz todos os seres, nutre-os e depois recebe deles de novo o germe fecundo” [Eliade, 1992:70]. Até mesmo entre os europeus modernos, sobrevive o sentimento

de uma solidariedade mística com a terra natal, suscitando uma ideia de pertencimento, de “gente do lugar”, que ultrapassa a solidariedade familiar e ancestral [Eliade,1992: 70].

Em *Powers of horror: An essay on abjection*, Julia Kristeva afirma que, na psicanálise, como na antropologia, é comum vincular o sagrado ao religioso, o que pressupõe um sacrifício. Nessa perspectiva, a autora diz que Freud vinculou o sagrado ao tabu e ao totemismo:

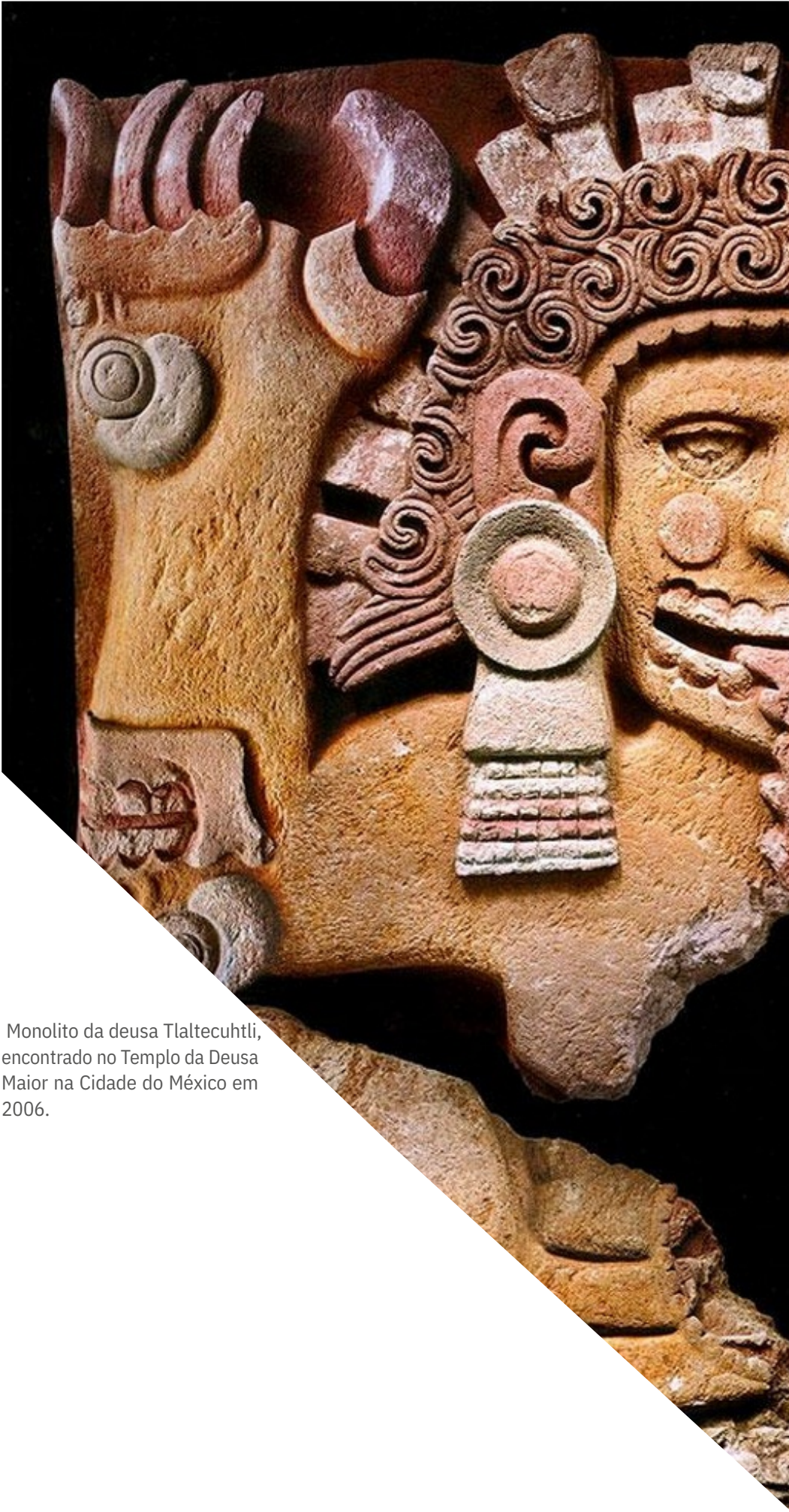
Todos nós conhecemos essa tese freudiana sobre o assassinato do pai e, mais especificamente, aquela que ele desenvolve em Moisés e o Monoteísmo: em conexão com a religião judaica, o pai arcaico e mestre da horda primitiva é morto pelos filhos conspiradores que, mais tarde, apreensivos com um sentimento de culpa por um ato que foi, em geral, inspirado por sentimentos ambivalentes, acabam restaurando a autoridade paterna, não mais como um poder arbitrário, mas como um direito; apossando-se de todas as mulheres assim eles estabeleciam um acariciar o sagrado, a exogamia e a sociedade [Kristeva, 1982:52, tradução das autoras].

Prosseguindo sua análise sobre a desconstrução da tese freudiana, mais adiante Kristeva afirma:

O que designamos como "feminino" [...] será visto como um "outro" sem nome, que a experiência subjetiva confronta quando no aparecimento de sua identidade. Supondo que qualquer Outro seja anexado à função de triangulação da proibição paterna, o que será tratado aqui, além e por meio da função paterna, é um ficar cara a cara com uma alteridade inominável - a rocha sólida do gozo [...] deixarei de lado neste ensaio uma versão diferente do confronto com o feminino, que, indo além da abjeção e susto, é enunciado como estático [Kristeva, 1982:63, tradução das autoras].

Ao demonstrar como a mulher foi posicionada no absoluto e retirada do humano, Beauvoir não só desconstrói a cosmologia masculina, como explicita o início do processo da dominação masculina, que será corroborado e desdobrado por Rita Segato, por Joan Scott e por Júlia Kristeva quando observam que em todos os tempos e lugares a mulher jamais foi posicionada como sujeito produtor de cultura.

Quando os psicanalistas falam de um objeto, falam do objeto do desejo conforme é elaborado dentro do triângulo edípico. De acordo com esse tropo, o pai é o esteio da lei e a mãe o protótipo do objeto. Em direção à mãe há convergência não só das necessidades de sobrevivência, mas dos primeiros anseios miméticos. Ela é o outro sujeito, um objeto que garante meu ser como sujeito. A mãe é meu primeiro objeto desejante e significativo. Abjeção [. . .] é meramente a incapacidade de assumir com suficiente força o ato imperativo de excluir coisas abjetas [e esse ato estabelece as bases da existência coletiva]." [Kristeva, 1982:68, tradução das autoras].



Monolito da deusa Tlaltecuhтли, encontrado no Templo da Deusa Maior na Cidade do México em 2006.